



4668 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Professoras negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em Universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul
Elida Regina Nobre Rodrigues - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Professoras negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em Universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul

Resumo

Este resumo compõe um recorte do estado do conhecimento sobre professoras negras doutoras, docentes em duas universidades públicas do extremo sul do Rio Grande do Sul. O estudo autobiográfico buscará apresentar a *invisibilidade* da população negra por meio da análise sobre a produção científica, divulgada publicamente, bem como um estudo dos currículos de professoras autodeclaradas negras, da área de Ciências Humanas. Analisarei se a produção dessas Professoras Doutoras negras é afetada academicamente pela consciência da negritude, por meio de elementos autobiográficos nos seus escritos.

Palavras-chave: Autobiografia, doutoras negras, docência no Ensino Superior.

Introdução

Este estudo compõe um recorte do estado do conhecimento para a produção do projeto de tese de doutorado, em andamento desde março de 2018. O tema central são as professoras negras doutoras, docentes em universidades públicas no extremo sul do Rio Grande do Sul. O recorte passa pelo aspecto do que chamarei de *invisibilidade* da população negra e da tomada de consciência da sua produção científica, divulgada publicamente e dos currículos de professoras autodeclaradas negras, da área de Ciências Humanas, de duas universidades do extremo sul do Brasil: A Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Jaguarão e a Universidade Federal de Pelotas (Ufpel).

Analisarei se a produção dessas Professoras Doutoras negras, atuantes em cursos das áreas humanas, é afetada academicamente pela consciência da negritude por meio de elementos autobiográficos nos seus escritos.

Em um levantamento feito no site da Unipampa, no acesso de dados abertos, é possível obter algumas informações que instigam o pensamento e possibilitam pensar na pouca visibilidade dessas Doutoras negras, ou melhor, em sua *invisibilidade* no mundo acadêmico, visto que nos dez campi há um total de 918 docentes, desses, 71 são autodeclarados pretos ou pardos. Dos 71, 40 são mulheres e dessas, 15 atuam na área das ciências humanas[1], ou seja, o acesso das mulheres à docência no Ensino Superior parece ainda muito pequeno, e se a mulher for negra, a representatividade é menor ainda.

Os dados apresentados por Mariana Hallal (2018) a respeito da Ufpel são mais perturbadores, pois mostram ainda menos representatividade. Dos 1.494 docentes somente 20 são negros, não consegui obter informações a respeito de quantas seriam as professoras doutoras negras[2].

Dados do Inep[3] (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) apontam que as mulheres somam 57,2% das matrículas nos cursos de graduação, sendo maioria também na conclusão dos cursos. Entretanto, na docência do ensino superior, somam apenas 45,5%, o que me leva a supor que as duas instituições que serão analisadas estão dentro da média nacional.

A pesquisadora e a metodologia escolhida

A perspectiva metodológica autobiográfica se adéqua ao tipo de estudo pretendido, pois, para Marie-Christine Josso um escrito autobiográfico “reside na elaboração de um autorretrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito [...]” (JOSSO, 2012, p.22). Esse autorretrato permite que a autora da narrativa tome consciência da sua postura de sujeito, e das ideias que consciente ou inconscientemente permeiam seu existir.

De acordo com Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), a memória é um componente essencial para quem narra poder construir/reconstruir os elementos de análise que poderão auxiliar na compreensão do seu objeto de estudo. Como mulher negra e professora, minha trajetória de vida está presente na pesquisa, muitos aspectos históricos referentes à população negra fazem parte da minha memória e contribuem na tomada de consciência da negritude.

Essa tomada de consciência não chegou por acaso, ela surge depois da análise de uma série de situações vividas

em minha infância, adolescência e início da vida profissional, que, somadas às leituras, auxiliam a pensar as experiências, e começam agora, no doutorado, a produzir uma textualidade, com atravessamentos do campo dos estudos étnico-raciais e de gênero.

A “evolução” do acesso ao trabalho e estudo pelas mulheres negras

Uma pesquisa divulgada pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) [4] coloca o Brasil como o maior empregador doméstico do mundo. Tomo como exemplo a matéria publicada pela jornalista Marina Wentzel [5], no início de 2018, onde aponta que esses empregados têm perfil definido: São mulheres afrodescendentes com baixa escolaridade.

Wentzel traz no seu texto a contribuição de outros estudiosos que fazem a relação direta do período escravista com os dados atuais, uma vez que o trabalho doméstico competia à mulher negra escravizada e que, depois da abolição, ela passou *naturalmente* a desempenhar o *papel que lhe cabia*, papel esse que é aventado toda vez que alguém, normalmente branco e de classe mais elevada, julga que outra pessoa, negra e pobre, almeja ascender a outros espaços que os primeiros julgam ser só seus.

Como exemplo de um desses espaços está a universidade, que, de acordo com Luiz Antônio Cunha (2000), teve na sua origem a função de formar os intelectuais das classes dominantes e garantir o acesso aos cargos de maior remuneração, prestígio e poder. Os diplomas serviram como forma de distinção, dos que estavam no *lugar* de mandar, para os que tinham o *lugar* de obedecer, os cursos eram escassos e direcionados a poucos privilegiados, subentende-se homens brancos e ricos.

De acordo com Delcele Mascarenhas Queiroz (2000) o acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil foi autorizado por D. Pedro II desde 19 de abril de 1879, no entanto sua presença nos cursos tidos como mais tradicionais só foi se consolidar a partir da década de 40, a autora também aponta a escassez e imprecisão das fontes para identificar as primeiras mulheres negras a terem acesso ao ensino superior. A lógica machista, historicamente, privilegiou os homens em detrimento das mulheres e, nesse contexto, os estudos feministas muito tem contribuído para que essas lacunas sejam percebidas e preenchidas com outras visões de mundo.

Segundo Edilza Correia Sotero (2013) entre o final dos anos 90 e início da década seguinte, houve um aumento significativo na oferta de vagas do ensino superior, o que elevou consideravelmente a taxa de mulheres com nível superior. Elas são maioria em comparação com os homens de mesma idade, entretanto, a distância entre as mulheres brancas e negras permanece, visto que as primeiras, além de terem mais acesso quantitativamente, ainda escolhem cursos de maior prestígio social, o que afeta diretamente na carreira e remuneração. Nem a maior universalização e a implementação de políticas afirmativas conseguiu diminuir a disparidade entre brancos e negros.

A tomada de consciência de ser uma mulher negra

Em 2016, ano do movimento de ocupação de estudantes do Ensino Médio em escolas e de graduandos em universidades, fui convidada a participar, como docente negra de escola pública, numa roda de conversa organizada pelo grupo responsável na Unipampa, campus Jaguarão.

As interações com as estudantes, com as professoras doutoras negras e seus relatos de experiências me fizeram *descobrir* o que viria a ser fundamental para minha trajetória acadêmica e profissional: a constatação de que eu sou uma mulher negra!

Não que algum dia eu houvesse negado esse fato, mas observei que eu naturalizava situações de preconceito, que hoje compreendo não serem naturais. Foi difícil assumir minha negritude, mais fácil é ser *invisível*, fingir que não ouviu a *piada*, que não viu que há mais mulheres negras atuando na zeladoria das universidades do que sentadas nas salas de aula, que é *coincidência* a maioria dos porteiros e seguranças serem negros, que não percebeu os olhares de estranhamento dos alunos ao verem a professora negra entrar em sala. Fácil é a academia, de maneira geral, ignorar a contribuição literária, intelectual e política de autoras negras brasileiras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Lélia Gonzales, que só me foram apresentadas no curso de doutorado. E como esses poderiam ser citados inúmeros exemplos.

Tomar consciência de sua/minha negritude é um caminho sem volta [6]. Marie-Christine Josso (2012, p.23), aponta que a articulação do passado com o futuro é que faz com que o sujeito comece a elaborar um projeto de si, uma continuação de sua história baseado nessa confrontação, nesse contraste entre o vivido e o por vir.

Considerações

Hoje percebo que o confronto com o olhar do outro, com as vivências do outro, tão semelhantes às minhas, me auxiliaram a reelaborar minha história e buscar maior qualificação através de um curso de doutorado, por acreditar que esse pode ser sim um lugar para as mulheres negras, mas que ainda é pouco ocupado por elas.

Nesse momento da pesquisa é possível perceber que são poucos os estudos dedicados à docência de mulheres negras no ensino superior, talvez a resposta para essa escassez se deva ao aspecto quantitativo, como elencado no início deste texto, a *invisibilidade* pode ser percebida de diversas formas.

Com o decorrer dos estudos da tese espero desenvolver análises que podem ser ampliadas, do que essas professoras deixarem transparecer em suas produções acadêmicas a respeito dos aspectos relacionados à negritude. Acredito que dessa forma conseguirei problematizar se e como essas mulheres negras estão *desenvolvendo a autoria de seus textos, sua voz e minha voz e sua/minha negritude*.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria* – Porto Alegre: EDIPUC, 2004.
- CUNHA, Luiz Antônio. *Ensino superior e universidade no Brasil* in 500 anos de educação no Brasil / organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga – Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto* – Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- HALLAL, Mariana. *Menos de 2% dos professores da UFPEL são negros*. *Jornal Diário Popular*, ano 128, p.9 – Pelotas, RS. 2 de janeiro de 2018.
- JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. *O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala*. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.
- SOTERO, Edilza Correia. *Transformações no Acesso ao Ensino Superior Brasileiro* in Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.] – Brasília : Ipea, 2013.

[1] Dados obtidos no sistema Guri, que, de maneira aberta e transparente apresenta indicadores de gênero e raça. Disponível em <https://guri.unipampa.edu.br/>. Acesso em 17/02/2019.

[2] O site da Ufpel direciona a busca ao portal da transparência do Ministério da Educação (disponível em <http://www.acessoainformacao.gov.br/> acesso em 17/02/2019). No entanto o portal não apresenta dados como gênero e raça.

[3] Disponível em http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206. Acesso em 18/02/2019.

[4] Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-milhoes-de-brasileiras>. Acesso em 18/02/2019.

[5] Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/02/26/o-que-faz-o-brasil-ter-a-maior-populacao-de-domesticas-do-mundo.htm>. Acesso em 18/02/2019.

[6] A literatura contemporânea nos apresenta vários autores que, em relatos que permeiam o autobiográfico, compartilham com os leitores e leitoras o momento da tomada de consciência de sua negritude, como Bianca Santana (2014) e Lázaro Ramos (2017).